

Cadeias globais de cuidados nas migrações cabo-verdianas: mulheres que ficam para outras poderem migrar

Luzia Oca González e Iria Vázquez Silva

Este artigo toma como base o trabalho de campo realizado com mulheres de quatro gerações, pertencentes a cinco famílias residentes na localidade de Burela (Galiza) e aos seus grupos domésticos originários da ilha de Santiago. Apresentamos três casos etnográficos que exemplificam diferentes formas de organização transnacional dos cuidados, tendo em conta que a atribuição genérica desta esfera às mulheres, combinada com fatores como a orientação de parentesco da família, a posição no esquema de parentesco familiar ou a sua geração, abre ou fecha as suas oportunidades migratórias e a sua capacidade de agência perante a própria mobilidade e a dos/das seus/suas parentes próximos/as. Trata-se de três figuras muito presentes na sociedade *badia*, desde cuja ótica serão descritas as configurações e dinâmicas familiares através de diversas gerações.

PALAVRAS-CHAVE: migrações cabo-verdianas, género, cuidados, famílias transnacionais.

Global care chains in Cape Verdean migrations: women who stay so that others can migrate ♦ This article is based on fieldwork conducted with women of four generations, belonging to five families living in the locality of Burela (Galicia) and their domestic groups originating from the island of Santiago. We present three ethnographic cases, which exemplify different forms of transnational organization of care, taking into account that the generic assignment of this sphere in exclusive to women, combined with factors such as the kinship orientation of the family, the position in the family kinship scheme or their generation, opens or closes their migratory opportunities and their capacity for agency in the face of their own mobility and that of their close relatives. These are three figures very present in *badia* society, from whose perspective the family configurations and dynamics through several generations will be described.

KEYWORDS: Cape Verdean migrations, gender, care, transnational families.

OCA GONZÁLEZ, Luzia (luzia.oca@usc.es) – Universidade de Santiago de Compostela; Instituto de Estudos e Desenvolvimento de Galicia (Idega), Espanha. ORCID: 0000-0001-5091-8328. CRedit: concetualização, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição.

VÁZQUEZ SILVA, Iria (ivazquez@uvigo.es) – Universidade de Vigo; Grupo de Estudos en Traballo Social: Investigación e Transferencia (GETS-IT), Espanha. ORCID: 0000-0002-7702-0662. CRedit: concetualização, investigação, metodologia, redação do rascunho original, redação – revisão e edição.

FINANCIAMENTO: Cooperación Galega, Xunta de Galicia.

AGRADECIMENTOS: Obrigadas às mulheres entrevistadas pela sua generosidade, por partilharem connosco as suas experiências de vida.

INTRODUÇÃO

Ao longo deste artigo abordaremos um tipo de trabalho de cuidados por muito tempo invisibilizado: aquele que passa as fronteiras, que surge e se gera ao longo dos processos migratórios.

Esta invisibilidade é fruto de duplas omissões, entrecruzadas com o viés patriarcal existente nas ciências sociais e nos estudos migratórios. Por um lado, as mulheres não foram consideradas como sujeitos nas migrações, mas como acompanhantes dos seus maridos até à segunda metade do século XX. Por outro, a análise do trabalho doméstico e de cuidados esteve ausente dos estudos migratórios até à década de 90. Portanto, não só não se deu atenção à participação das mulheres nas migrações enquanto sujeitos autónomos, como foi invisibilizada a transcendência social e económica do trabalho reprodutivo, deixando fora da análise os significados e desigualdades de género e parentesco, que são centrais na divisão do trabalho e, portanto, na composição das migrações (Gregorio 1997).

Hondagneu-Sotelo (1994) não só tornou visível a presença das mulheres nos estudos migratórios, como considerou que o género devia ser contemplado enquanto variável para compreender as relações de poder nos processos migratórios.

Neste trabalho será apresentado um estudo de caso exemplificador das correntes globais de cuidados, partindo de uma análise inicial do desenvolvimento deste conceito, central nos estudos migratórios feministas, introduzindo a estrutura familiar extensa no debate ao seu redor. Em segundo lugar, faremos alusão às migrações cabo-verdianas na Galiza enquanto contexto de análise, para introduzirmos posteriormente o nosso estudo de caso sobre diversas formas de articulação da esfera dos cuidados por parte de famílias transnacionais com origem na ilha de Santiago. Serão apresentados três casos etnográficos ilustrativos de diversas estratégias de cuidado das pessoas dependentes.

Esta análise do papel das noras, filhas e avós transnacionais visibiliza um coletivo de mulheres que, ao longo de décadas, tem viabilizado as migrações cabo-verdianas, ficando como garantes do bem-estar e sobrevivência das pessoas que ficavam. A sua transnacionalidade é dada pela sua integração num

esquema familiar conjunto, fragmentado entre diversos espaços migratórios em diversos países, incluindo a sociedade de origem. Entre estes espaços existem múltiplos contactos e gestões vinculadas aos cuidados das pessoas dependentes do grupo familiar. Os três casos têm em comum que parte desses grupos domésticos migrantes se encontram na localidade de Burela (Galiza).

Este artigo representa uma contribuição relevante na literatura específica sobre as correntes globais dos cuidados, alargando a análise a uma diversidade de estruturas familiares e figuras de cuidado, para lá da lupa da maternidade.

COMO SE FORMAM AS CORRENTES GLOBAIS DOS CUIDADOS?

A “crise dos cuidados” (Pérez 2006) nos países do sul da Europa gerou uma terceirização do trabalho doméstico e de cuidados estreitamente ligada ao aumento da feminização da migração no final do século passado. Consequentemente, desde a década de 1990 grande parte das mulheres que migraram para o sul da Europa trabalha em serviços domésticos e de prestação de cuidados, um sector altamente precário e informal. No contexto espanhol, Alonso-Villar e del Río (2023) assinalaram a relevante presença de mulheres estrangeiras neste âmbito: segundo dados do INE (II trimestre, 2021), este sector representa 23,1% das mulheres imigrantes ocupadas no país.

A literatura específica analisou a dimensão qualitativa que vincula as pessoas que cuidam e as que são cuidadas tanto desde uma perspectiva de género, como de classe social, origem ou etnicidade. É neste ponto onde se destaca o conceito das cadeias globais de cuidado. Não se trata só de analisar e quantificar este trabalho de cuidados nos países de destino, mas de compreender os “vazios” de cuidados que as migrações provocam nos grupos domésticos de origem.

Neste sentido, as “correntes globais de cuidado” podem ser definidas como uma série de laços pessoais ao longo do mundo baseados no trabalho de cuidado, pago ou não, onde cada pessoa trabalhadora de cuidado depende de outra trabalhadora de cuidado (Zimmerman, Litt e Bose 2006). Diferentes investigações analisaram este fenómeno em diversos contextos geográficos, sendo unânimes quanto aos traços principais das pessoas que compõem cada um dos elos da cadeia: estas são, maioritariamente, mulheres. Se por um lado, são as mulheres mais pobres (e imigrantes) as que cuidam das pessoas dependentes das famílias de classe média em destino, são mulheres ainda mais pobres – ou mais velhas, ou mais rurais – as que cuidam das pessoas dependentes das anteriores, em origem, produzindo-se uma “fuga de cuidados” para os países de destino. Podemos visualizar a metáfora de uma cadeia em que se vai transferindo a desigualdade de género de país em país, que se vê determinada, ao mesmo tempo, pelo sistema do capitalismo global e os sistemas patriarcais dos países de origem e acolhimento (Hochschild 2001). Dois sistemas de opressão,

patriarcado e capitalismo pós-colonial, entrecruzam-se na demanda de cuidadoras. As migrantes internacionais deixam atrás pessoas que cuidavam, cujas necessidades passarão a ser garantidas por outras mulheres, ainda mais precárias, nos países de origem.

O enfoque das cadeias globais de cuidados visibiliza a gestão do trabalho de cuidados nas migrações, através das mulheres que migram, mas, ao mesmo tempo, leva à necessária incorporação na análise das pessoas que ficam na origem. Assim, cuidar através das fronteiras, ou conceitos como “cuidados transnacionais”, “circulação dos cuidados” ou “família à distância” (Lobo e Braz 2016) ocuparam estudos e debates desde finais do século XX até à atualidade (Baldassar, Wilding e Baldock 2006). A noção de família transnacional ganha força quando, ao olhar para as teorias do cuidado, surge a questão: como pensar no cuidado à distância? (Lobo 2020a: 218). Neste contexto, Baldassar (2008) assinala como as pessoas migrantes mantêm a sua presença tanto através da virtualidade como de outra pessoa, ou com uma presença imaginada. É fundamental destacar a importância das tecnologias (WhatsApp, Facebook, Messenger, etc.) como poderosas ferramentas que possibilitam o cuidado transnacional e a presença (virtual) em diferentes âmbitos geográficos (Lobo 2020b), permitindo a expansão das redes pessoais (Lam 2021). Zontini (2010) aporta neste sentido uma definição de cuidado transnacional consistente na monitorização e resposta às necessidades físicas e emocionais em mais do que um fogão ao mesmo tempo, equilibrando o seu tempo e energia entre eles.

ALÉM DA FAMÍLIA NUCLEAR NA ANÁLISE DOS CUIDADOS TRANSNACIONAIS

Na análise académica das famílias transnacionais e sobretudo da cadeia global de cuidados deve ser apontada uma lacuna relevante, já que mal se tem aprofundado em outro tipo de grupo doméstico que não o nuclear. Desde uma perspetiva de género, a literatura centra-se fundamentalmente no impacto da emigração do homem na sua companheira que fica na origem, assim como no impacto da migração da figura materna nos/nas filhos/as. Ainda que Pauli (2008) admita que a relação entre cônjuges possa ser central no processo migratório, o género, enquanto construção sociocultural que inclui ideais e práticas, é negociado num contexto mais amplo do que o dos membros do casal, intervindo outra parentela.

Como assinalaram Mahler e Pessar (2006), existe parcialidade na literatura sobre *women left behind* para a família nuclear e o vínculo matrimonial, sem ter em conta a existência de outro tipo de alianças familiares disponíveis quer para as mulheres, quer para os homens. As investigações já clássicas de Yanagisako (1975, 1977) sobre as migrações japonesas para os Estados Unidos da América

mostraram, por exemplo, a obrigação moral dos e das migrantes na sustentação dos seus progenitores que ficaram no Japão, destacando a pressão que representam para as mulheres as normas e expectativas do contexto sociocultural para cuidar e manter as relações de parentesco, através de uma “naturalização” do papel das mulheres enquanto cuidadoras e a consequente penalização se não cumprir tal papel.

Além disso, são escassos os estudos sobre cadeias globais de cuidado protagonizadas pelas migrações africanas. O estudo de caso que aqui se apresenta, baseado nas migrações cabo-verdianas, levanta uma série de especificidades capazes de contribuir para enriquecer o debate teórico sobre o papel das diferentes estruturas sociais e papéis familiares nos processos migratórios.

Como se verá, os agregados familiares cabo-verdianos são maioritariamente de natureza extensa e neles coexistem os padrões patrilocal e matrilocal. Este cenário fará necessário considerar outras relações diferentes da conjugal entre os/as migrantes e seus/suas familiares na origem, primando as relações familiares intergeracionais enquanto eixo prioritário de análise.

Neste sentido, a figura mais analisada tem sido a “maternidade transnacional”, de uma forma muito detalhada nas migrações internacionais latino-americanas (Hondagneu-Sotelo e Avila 1997; Herrera 2005) e asiáticas (Salazar 2001), ou em algum caso nas senegalesas (Vives e Vázquez 2017).

O trabalho de Oca (2013), que analisou longitudinalmente a migração feminina desde a costa ocidental da ilha de Santiago à localidade galega de Burela (Espanha), desvendou a relação entre a posição que as mulheres ocupam nos esquemas de parentesco e as suas oportunidades migratórias. A consideração das migrações enquanto estratégia familiar ou do grupo doméstico, marcada por fatores de género, abre novos horizontes na análise das decisões em torno a quem migra, quando o faz e com que encargos.

Júlia Neves (2022) abordou a maternidade nas migrações para Portugal destacando como o apoio organizado no seio da própria comunidade cabo-verdiana facilita de um modo crucial a prática da maternidade das migrantes, enquanto acolhe o papel ausente nos cuidados da figura paterna. Åkesson, Carling e Drotbohm (2012) puseram o foco no triângulo de cuidados que se forja entre a mãe transnacional e outras parentes em Cabo Verde para levar a cabo o cuidado dos/as filhos/as.

Barbosa e Cortés (2013) analisaram a maternidade transnacional das migrantes da ilha de Santiago, mostrando como a sororidade lhes permite confiar as tarefas de vigilância, cuidado e acompanhamento das crianças noutras mulheres próximas de forma que a migração das chefes de família dá continuidade ao duplo papel que já vinham assumindo, enquanto protetoras e provedoras das despesas familiares.

Em suma, a maternidade tem sido exaustivamente estudada no caso das migrações cabo-verdianas. No entanto, neste artigo queremos ampliar a análise

a outras posições das mulheres, analisando a organização reprodutiva dos agregados familiares, do ponto de vista das filhas, noras e avós, tendo também em conta os conflitos e ausências que fazem parte das experiências migratórias (Lobo 2020a).

AS MIGRAÇÕES CABO-VERDIANAS EM BURELA

Em Cabo Verde, a migração é uma alternativa omnipresente em qualquer grupo doméstico, constituindo um facto social presente em todos os âmbitos. Existe uma valorização diferente da figura da mulher migrante nas várias ilhas, destacando Santiago pela sua cultura migratória centrada nos homens, que até tempos recentes não contemplava a possibilidade de que as mulheres migrassem fora do papel de esposas (em contraposição a outras ilhas, com migração laboral feminina desde os anos 60). Por isso, as estratégias domésticas da sociedade *badia*,¹ seguindo um critério de género, colocaram os homens na posição prioritária de saída. Dessa forma, a criação de comunidades de migrantes de Santiago no espaço transnacional baseou-se na inserção da mão-de-obra masculina, que viabilizou o seu assentamento.

Em 1977, no contexto do maior êxodo cabo-verdiano (Carreira 1983), um grupo de homens *badiu* chegou à costa da Galiza, engajados na construção civil. Em 1978 começaram a fixar-se, inseridos na frota de alto-mar do porto de Burela, reagrupando as suas esposas e filhos/as e facilitando a vinda de outros pescadores. Ao longo de duas décadas, as mulheres cabo-verdianas chegaram à Galiza, via Lisboa, na qualidade de esposas, junto a um pequeno grupo de mulheres unidas de facto (Oca 2016).

Por detrás deste reagrupamento estava a ideia de que a mulher deve seguir ao marido, para cuidá-lo e servi-lo no seu papel de chefe de família. Grande parte destas pioneiras seguiram a pauta patrilocal, casando muito novas em Cabo Verde e indo residir em casa de seus sogros, de onde esperaram serem “mandadas buscar” pelos maridos. Encontravam-se na altura numa fase do ciclo vital na qual os seus progenitores eram pessoas novas que não necessitavam de cuidados. Poucas deixaram filhos para trás ao cuidado de outras mulheres. Mas nem todos os homens materializaram o reagrupamento, ficando em alguns casos as mulheres em Cabo Verde longos anos, à espera do marido emigrado, cuidando da prole, em casa dos sogros (ou numa própria do casal), dando pé a uma figura arquetípica na sociedade *badia*: a mulher de emigrante.

1 A expressão *badiu/badia* vem do termo português vadio, com o significado negativo de vagabundo ou preguiçoso, que era aplicado aos escravos e escravas que fugiam ou se recusavam a trabalhar. Os/as escravos/as libertos/as acabaram por apropriar-se dela, moldando-a na língua crioula, subvertendo-lhe o significado e transformando-a numa qualidade positiva, que ao longo do tempo se ligou à identidade dos habitantes de Santiago (Oca 2013: 36).

A década de 90 foi marcada por uma crise na qual reemigrou quase metade da comunidade, sem chegadas do arquipélago, marcando um limite geracional entre as migrantes que chegaram nas primeiras vagas e as que chegaram mais tarde.

Na viragem do século surgiu uma nova rede migratória regular, via Dakar, que entre 1998 e 2008 utilizaram cerca de 300 pessoas, alterando o peso das diferentes faixas etárias no conjunto. O ciclo migratório foi fechado com a aposentação dos pioneiros e a maioria dos descendentes, o que foi nutrindo uma terceira geração, que na década seguinte deu lugar a uma incipiente quarta geração, de bisnetos/as dos casais pioneiros.

Num contexto migratório tradicionalmente masculinizado, o aumento contínuo da procura de mão-de-obra feminina para o serviço doméstico e as mudanças na organização familiar cabo-verdiana, com o aumento de famílias monoparentais encabeçadas por mulheres, levaram a que a emigração da figura feminina surgisse como uma das estratégias possíveis de sobrevivência de numerosos grupos domésticos das ilhas (Carling 2004). Em Burela, estes fatores propiciaram a migração laboral feminina de dois tipos de mulheres: umas, unidas de facto, que aproveitaram esta via frente à do reagrupamento, para se juntarem aos companheiros em destino; outras, mulheres sozinhas, não unidas a homens, que deixaram o seu país como mães solteiras e as suas crianças ao cuidado de outras mulheres.

Estas últimas foram escolhidas no seio de cada família, articulada transnacionalmente, deixando de lado a consideração de ser o homem a migrar primeiro, respondendo à circunstancial procura de mão-de-obra para sectores feminizados. Um projeto migratório foi delineado pelas famílias, com base na responsabilidade de cuidadoras e provedoras do grupo doméstico das migrantes: trabalharem duro para enviarem remessas ao grupo doméstico de origem; saldarem a dívida com o facilitador e promoverem o reagrupamento familiar. O seu trânsito via Dakar foi “monitorizado” em ambos lados da corrente migratória, num controlo exercido a distância para evitarem que uma nova relação pudesse distraí-las do seu objetivo (Oca 2013).

Na última década (2010-20) grande parte destas mulheres materializou o reagrupamento, estabelecendo muitas delas novas relações com homens da comunidade. Em paralelo, as mulheres de maior idade converteram-se em avós e renegociaram os seus papéis domésticos com os maridos, aposentados e presentes em casa após longos anos de ausência no mar. Porém, elas continuam no ativo como trabalhadoras, da mesma forma que apoiam decisivamente as suas filhas e noras nos cuidados de netos e netas.

METODOLOGIA

O trabalho de campo realizado surge do projeto “Famílias caboverdianas en Galicia: Impacto no desenvolvemento da transnacionalización da atención e

das remesas”,² no contexto do qual se realizou um seguimento de cinco famílias transnacionais cabo-verdianas, com base no trabalho etnográfico prévio de Luzia Oca ao longo de duas décadas. O trabalho de campo, multissituado entre origem e destino (Marcus 1995), desenvolveu-se entre 2021 e 2022 entre Galiza e Cabo Verde, tendo sido realizadas 12 entrevistas em Burela e 19 em diversas localidades de Santiago.

As entrevistadas estão vinculadas por laços de parentesco, partilhando a origem em Santiago e a existência de algum núcleo da família transnacional em Burela. Pertencem a diferentes gerações, permitindo uma análise longitudinal.

O processo da etnografia desenvolveu-se selecionando inicialmente um grupo familiar por cada geração migrante em Burela, tendo em conta, enquanto fatores-chave, a orientação de parentesco do grupo doméstico original, a etapa em que se materializou a migração, o tipo desta (reagrupamento, laboral, irregular) e a inserção laboral no destino. Outros fatores, menos determinantes na escolha, foram a localidade de origem, trabalhos remunerados na origem ou existência de vínculos noutros países da diáspora, para estas cinco famílias transnacionais serem representativas da diversidade de situações desta comunidade migrante.

Quanto à seleção dos casos apresentados, com os dois primeiros pretende-se demonstrar, através dos papéis de noras e filhas adultas, as estratégias desenvolvidas em famílias de orientação patrilocal e matrilocal, com base na permanência no arquipélago de determinadas mulheres da geração intermédia, ficando responsáveis das pessoas dependentes. O terceiro caso evidencia uma estratégia marcada pela mobilidade transnacional das mulheres idosas para receberem cuidados, em trânsito entre as casas das suas filhas e filhos na diáspora.

A GESTÃO TRANSNACIONAL DOS CUIDADOS ATRAVÉS DE TRÊS CASOS ETNOGRÁFICOS

A abordagem da organização familiar na sociedade *badia* deve ter em conta o processo de povoamento das ilhas, sujeitas a cinco séculos de regime colonial, ao longo dos quais o fator racial e o sistema escravagista tiveram uma importância decisiva. Emergiram dois tipos de estrutura familiar coexistentes até hoje: uma de orientação patrilocal e outra matrilocal, associadas a uma filiação bilateral que reconhece as duas linhas de parentesco. Ambas as orientações se

2 O trabalho de campo insere-se no projeto de investigação “Famílias caboverdianas en Galicia: Impacto no desenvolvemento da transnacionalización da atención e das remesas”, financiado pela Xunta de Galicia (PR815A 2021/10). Para mais informações sobre a investigação, consultar Oca *et al.* (2023).

enquadram num sistema ideológico patriarcal, no qual a monoparentalidade feminina aparece como resultado da impossibilidade de concretização do ideal de família, baseado no matrimónio católico, e não como alternativa ao domínio masculino (Oca 2013). Trata-se, portanto, duma matrifocalidade integrada num contexto social de dominação masculina (Giuffrè 2016).

Em Cabo Verde a taxa de nupcialidade é muito baixa (segundo o INE, 4,3% em 2018), o que não implica a inexistência de relações estáveis de casal, mas que a maioria destas tomem a forma de uniões livres. Porém, a monoparentalidade tem vindo a ser a forma hegemónica de família no interior de Santiago; em 2019, mais de metade dos agregados familiares eram chefiados por mulheres, apresentando as taxas mais elevadas do arquipélago. No caso que nos ocupa, as mulheres deste tipo de agregados, até ao século XXI, só conseguiram migrar uma vez incorporadas no lar patriarcal do marido.

Os casos apresentados em seguida são protagonizados por três figuras muito presentes na sociedade *badia*, desde cuja ótica serão descritas as configurações e dinâmicas familiares através de diversas gerações.

Em primeiro lugar, as noras que, em contextos de organização familiar patrilocal, são chamadas a responsabilizar-se pelos cuidados da sua família de aliança, nomeadamente as sogras e sogros, frequentemente acompanhados de crianças. Um dos mandatos de género que mais claramente se apresenta para as mulheres nestes casos de patrilocalidade é o de servirem, não só os homens da família, mas também a sogra (enquanto mulher principal da casa, a quem um dia irão substituir), sendo este um dos elementos de peso na valorização da mulher “que foi trazida para casa” por parte da família do homem.

As noras, que ocupam essa posição pelo facto de serem mulheres casadas, seguram muitas vezes a retaguarda familiar em Cabo Verde, quer por opção própria, numa interiorização da obediência prometida no casamento, quer por não terem sido “chamadas” pelos maridos através de processos de reagrupamento, numa mobilidade muitas vezes desejada, mas falida e acatada. Frequentemente acabam por ser a figura fundamental de apoio na migração dos restantes membros da família da própria geração; mais tarde, ainda jovens, acabam por sacrificar a sua própria mobilidade para propiciar a migração da geração dos filhos e filhas, ficando no arquipélago a cuidar das pessoas dependentes.

Noutras ocasiões, estas noras, se chamadas a migrar pelos maridos, devem partir, nem sempre sendo essa a sua vontade, deixando as suas crianças a cargo de outras mulheres (normalmente sogras, cunhadas, mães ou irmãs), aliviando a sua tristeza com a ideia de um futuro reagrupamento familiar. É o caso da maior parte das mulheres que migraram para Burela nas duas primeiras décadas de assentamento.

Embora esta figura não tenha sido analisada em profundidade no caso das migrações cabo-verdianas, a sua relevância para a compreensão das migrações

internacionais senegalesas tem sido detalhada (Vázquez 2014) mostrando como em certos grupos domésticos algumas mães de emigrantes se opõem à emigração das suas noras, tanto para garantirem a receção de remessas, quanto para assegurar os cuidados que recebem delas.

Em segundo lugar, será apresentada a experiência de uma das migrantes que chegou a Burela nos inícios do novo século de uma casa matrilocal, na qual a aliança e compromisso partilhado entre as filhas adultas permite uma organização dos cuidados mais flexível e aberta, que não supõe a carga de sacrifício do caso anterior. A casa de referência em Cabo Verde pode ser definida pela sua capacidade de reprodução social ao longo do tempo, encontrando-se nos últimos anos numa situação bem diferente, após terem conseguido promover processos migratórios para as pessoas que nela cresceram. Em palavras das suas moradoras, é hoje uma “casa vazia”.

Em terceiro lugar, a figura das avós (de qualquer das duas linhas de filiação), que em numerosas ocasiões foram a retaguarda no cuidado das crianças, assegurando o elo das cadeias globais de cuidados. Estas avós, quando o ciclo migratório familiar se completar, adquirem mobilidade no trecho final das suas vidas, visitando a sua descendência, repartida por diversos países, convertendo-se em “avós transnacionais”. Trabalhos como o de Díaz e Marroni (2017) focam estas avós no caso da migração mexicana para os EUA, que tanto ficavam na origem para o cuidado dos netos, como migravam para junto deles para continuar a cuidar no estrangeiro, apresentando em alguns casos uma “circularidade migratória” entre ambos os países.

SABU: OS VÍNCULOS DE CUIDADOS DESDE A POSIÇÃO DA NORA QUE FICA NA ORIGEM

Sabu³ nasceu em 1973 na mesma aldeia em que reside, onde frequentou a escola até à quarta classe. Pouco antes da maioridade, após um tempo de namoro, casou e foi morar com o marido e os sogros na casa destes, na vizinhança. Esta família tinha vindo de um vale interior para habitar uma aldeia próxima da margem costeira. Dedicam-se à agricultura, produção de grogue⁴ e comércio.

Todos os irmãos e irmãs do marido de Sabu migraram, com exceção da irmã mais velha, que construiu a sua casa junto à dos pais e vive com o marido, regressado após longos anos em Portugal. Entre as cunhadas existe uma relação especial de irmandade, ajudam-se nas tarefas domésticas e produtivas que partilham apesar de habitarem casas diferentes (contíguas). As restantes cunhadas

3 Os nomes utilizados neste trabalho não correspondem aos reais, para salvaguardar o anonimato das informantes.

4 Aguardente de cana típica de Cabo Verde.

e cunhados repartem-se entre Burela, onde o irmão mais velho foi um dos pioneiros, e Cannes.

O marido de Sabu era o filho mais novo e foi o último a migrar, em 1999. Na altura, pediu-lhe para ela ficar a cuidar dos sogros e dos três primeiros filhos do casal, motivo pelo qual ela não migrou. Pouco depois, a sogra faleceu. Mais tarde, adotou uma menina da vizinhança que tinha ficado órfã. As duas filhas pequenas nasceram a seguir aos períodos em que o marido regressava a casa, até que em 2014 decidiu abandonar a migração e permanecer junto da sua família. Cinco anos depois faleceu repentinamente, ficando ela viúva com 46 anos.

Atualmente, Sabu alterna o trabalho doméstico e de cuidados com a agricultura, a criação de animais e a produção da aguardente, num terreno herdado do marido. Sabu, na sua figura de nora, viúva do filho que tinha ficado na casa paterna, é a pessoa encarregada e responsável não só do trabalho doméstico da casa, mas dos cuidados do sogro (87 anos, muito dependente) com quem continua a viver. Há cinco anos trouxe para a sua casa o seu pai (88 anos, dependente) e mãe (75) para cuidar de todos juntos. Ajudada pelas filhas, ocupa-se dos cuidados de higiene, saúde e alimentação. Também é auxiliada pela cunhada, que por sua vez cuidou, no passado, da sua sogra e da irmã desta na sua própria casa. Fica patente que é a figura da nora e não a da filha a que é chamada a cuidar das pessoas anciãs nos grupos domésticos patri-locais.

O papel de cuidadora da nora quando o marido migra foi analisado nas migrações senegalesas para França (Dia 2009) e Espanha (Vázquez 2014). Tal como no nosso caso, a nora é “encorajada” a ficar para cuidar dos sogros enquanto o marido está emigrado, sendo este considerado um “bom filho” por deixar a sua esposa na casa de origem no papel de cuidadora. Os estudos de Brown (1997, 2004) mostram como os padrões residenciais podem promover uma relação específica entre sogra e nora. Residência patrilocal, descendência patrilinear e relações patriarcais são as componentes básicas deste padrão.

Sabu está muito ligada ao seu sogro, a quem prometeu cuidar até ele morrer, pelo que não espera migrar por enquanto. Este compromisso inabalável entre ambos travou as suas oportunidades migratórias a favor de outros membros da família, nomeadamente os seus filhos varões, que migraram para França, e a terceira filha, recentemente imigrada em Lisboa. Deseja o mesmo destino para as filhas que ainda a acompanham, na esperança de uma vida melhor.

Os cuidados de Sabu para com os seus sogros supuseram também a des-preocupação por parte dos seus cunhados/as, que continuaram a permanecer na emigração, ainda que com comunicações quotidianas e visitas frequentes à casa paterna, junto à qual vários deles construíram as suas próprias casas.

TETÉ: MIGRAÇÃO FEMININA DESDE UMA CASA MATRILocal (MÃES E FILHAS)

Teté nasceu em 1963 numa localidade costeira, no seio de um grupo doméstico matrilocal, no qual a sua mãe, Djuana, hoje nonagenária, teve sete filhos/as de pais diferentes, dos quais três permaneceram no arquipélago. Djuana nunca quis viver com um homem, permanecendo na casa familiar, tornando-se matriarca de uma família chefiada por mulheres com um grande número de pessoas no seu seio, sempre variável. Pode-se afirmar que esta é uma casa definida pelos cuidados onde um elevado número de crianças foi acolhido, nem sempre com laços de parentesco. A organização dos cuidados era partilhada entre Djuana e as filhas, sempre com o apoio de alguma rapariga da família ou da vizinhança.

Teté foi criada parte da sua infância por uma tia materna no interior até que, já rapariga, regressou com a mãe e dedicou-se a trabalhar como peixeira. Aos 18 anos teve o seu primeiro filho e pouco depois o segundo, de pais diferentes, com os quais a relação não prosperou. Mais tarde, estabeleceu uma relação com um vizinho, com quem teve mais dois filhos; juntos habitaram um dos quartos da casa de Djuana, sem Teté abandonar a casa materna. O companheiro conseguiu migrar legalmente para Burela, como pescador em 2002. Teté seguiu-o pouco depois, por via irregular. Casaram em Burela em 2005 para regularizarem a sua situação, trazendo posteriormente todos/as os/as filhos/as, em várias etapas, completando o reagrupamento em 2007.

Na decisão de Teté para migrar foi fundamental o arranjo e compromisso forjado com a sua mãe e irmãs, que se responsabilizaram pelos cuidados dos filhos que ficaram para trás, e não só. Entre elas teceram estratégias, aproveitando as oportunidades que surgiram através do seu capital cultural e social para acelerar o processo. A filha mais nova de Teté foi trazida por uma das tias para Burela, via Lisboa, para mitigar o luto migratório da mãe. Os outros filhos foram chegando, inicialmente o de maior idade, para trabalhar e ajudar a trazer os mais novos, que se lhe seguiram.

A organização transnacional desta família supôs a permanência desejada de duas das filhas, que parecem resistir à cultura migratória, desenvolvendo o seu plano de vida em Cabo Verde, onde contam com bons empregos. A maior, Ana Maria, permanece na casa familiar junto à mãe, sendo a principal responsável pelos cuidados desta. Djúlia, a mais nova, universitária e mãe solteira, construiu a sua própria casa na capital, mantendo um vínculo muito forte com a casa materna. Entre ambas existe um compromisso que lhes permite certa liberdade de movimentos. Assim, Djúlia passa os fins de semana na casa materna para a sua irmã poder sair para atender os compromissos familiares e comunitários. Nas jornadas laborais, ambas estão atentas à mãe em todos os momentos, através do telefone e de pessoas vizinhas ou chegadas que passam

por casa a comprovarem que está tudo bem, numa sorte de cuidados comunitários. Nos últimos tempos, contrataram uma vizinha muito próxima para tratar das refeições e medicações da mãe. Todas as filhas de Djuana contribuem economicamente para os cuidados desta.

Nha Djuana tem muitos descendentes emigrados: filhos/as, netos/as e bisnetos/as, espalhados quer na Europa (Portugal, Espanha, Reino Unido, França), quer nos EUA, chegando a sua rede de parentesco menos próxima a destinos africanos como Guiné e Senegal. Desde todos estes lugares da geografia da diáspora chegam periodicamente remessas, chamadas, encomendas ou informações. Ela nunca desejou migrar, mas já passou temporadas na Europa, nomeadamente em Lisboa e Burela, visitando a parentela.

Teté trabalha no sector dos cuidados a pessoas idosas, uma atividade a domicílio de que gosta e para a qual se formou na Galiza. Quase 20 anos após a sua migração, reproduziu a forma de vida familiar em Burela, incorporando na sua casa uma série de pessoas para além dos/das filhos/as e netos/as, que passam muitas jornadas com ela enquanto as mães e pais trabalham ou se divertem. É o caso do filho e de um dos netos da sua irmã Ana Maria. Porém, ao longo dessas mesmas duas décadas, a casa de Djuana foi-se esvaziando de gente, com a migração de todas as crianças que lá foram criadas. A casa, reconstruída e renovada neste período, mostra os quartos vazios de quem um dia lá morou, habitada na atualidade por duas únicas pessoas: Djuana e a sua filha Ana Maria.

AS VIAGENS DE *NHA* IDA, UMA AVÓ TRANSNACIONAL

Nha Ida é uma avó transnacional, que desde o ano 2000 se move entre Portugal, França, Galiza e Cabo Verde, onde se reparte a sua descendência.

Nasceu no interior da ilha em 1935. Foi a filha mais velha de um grupo de oito irmãos e irmãs, pelo que participou muito ativamente nos seus cuidados. A sua relação com as migrações começou ainda em adolescente, quando em 1948, um ano marcado pela fome, acompanhou os pais e irmãos a Quelimane, em Moçambique, um destino pouco frequente. O seu pai exerceu como “contratado” durante três anos, ao fim dos quais regressaram ao arquipélago. Ela tinha 14 anos na altura e não lhe foi permitido frequentar a escola, pelo que ajudava a mãe com as tarefas diárias da casa e do campo.

Quatro anos depois, casou-se com um vizinho (1954), com quem partilhou a vida até à morte deste, em 2014. Entre 1955 e 1980 teve seis filhos e quatro filhas, dos quais o segundo morreu pouco tempo depois de nascer. O filho mais velho foi o primeiro a migrar; está há décadas no Porto, onde posteriormente também assentou uma das irmãs maiores. A filha mais velha de *Nha* Ida migrou no início dos anos 80 para Burela, reagrupada pelo marido; décadas depois, no início do século XXI, ajudou à migração de uma irmã e três

irmãos: dois deles desde Cabo Verde e outros dois após anos de residência no Porto. Um deles acabou por re-emigrar para França anos depois. As duas filhas mais novas residem na capital do arquipélago, depois de terem frequentado estudos universitários em Portugal e no Brasil, com o apoio dos irmãos e irmãs de maior idade.

As suas viagens como avó transnacional começaram em 2000, ano em que permaneceu uns meses no Porto para consultas de saúde, junto a uma das filhas. Ficou pouco mais de um ano até regressar a Cabo Verde, realizando um percurso que se iniciou em Lisboa, onde se tinham instalado tempo antes dois dos seus irmãos, passando por Burela junto da filha maior.

Desde então viajou várias vezes para a Europa, sempre para tratar da saúde, com consultas em Burela e Porto, mostrando uma capacidade de agência por parte das filhas no uso dos recursos sanitários de ambos os países. Este facto enlaça com o conceito de “circularidade dos cuidados”, mostrando, como assinalam Evergeti e Ryan (2011), que a provisão de cuidados a distância é multi-dimensional e, habitualmente, mútua. Quem cuida ou cuidou, também pode receber cuidados no espaço transnacional.

Além desses cuidados de saúde estão outros mais íntimos e cálidos, que são proporcionados pelas filhas e filhos, que organizam uma espécie de turnê entre Porto, Burela e Paris. Nas sucessivas viagens de *Nha* Ida, uma vez transcorridos uns meses na Europa, o pedido insistente de regresso à terra de origem acabou por fechar cada um destes ciclos de mobilidade transnacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os casos etnográficos apresentados exemplificam diferentes formas de organização transnacional dos cuidados, tendo em conta que a atribuição genérica desta esfera em exclusivo às mulheres, combinada com fatores como a orientação de parentesco da família, a posição no esquema de parentesco familiar ou a sua geração, abre ou fecha as suas oportunidades migratórias e a sua capacidade de agência perante a sua própria mobilidade e a dos seus parentes próximos.

Nos diversos arranjos organizados pelas famílias transnacionais, a decisão de deixar as pessoas idosas na sua terra até ao fim das suas vidas implica sempre a existência de uma retaguarda em forma de mulher que exercerá os trabalhos de cuidados o tempo necessário, sacrificando a sua própria mobilidade. Se enquanto filha ou nora exerce essa renúncia, enquanto mãe faz o mesmo ao promover a mobilidade dos filhos e filhas antes da sua própria.

Embora a desvalorização generalizada do trabalho doméstico e de cuidados ao nível global seja notória, é essencial para a sobrevivência dos vários grupos domésticos analisados e, sobretudo, para as pessoas migrantes poderem realizar os seus planos de mobilidade.

Aliás, os cuidados prestados por determinadas mulheres, como Sabu no seu papel de nora, influenciaram a sua decisão de não migrarem. Podemos detectar, portanto, como os papéis normativos de género, aqui referidos à atenção e cuidados prestados, afetam na sua permanência, permitindo ou facilitando assim a emigração de outros parentes. Com certeza este resultado é relevante, uma vez que ainda existe muito pouca literatura a analisar o impacto da residência pós-conjugal (extensa ou nuclear; patrilocal ou matrilocal) a respeito do incentivo ou inibição da migração de homens e mulheres (Mahler e Pessar 2006).

Assim sendo, a reorganização após a emigração é viável, em grande medida, graças à prestação de cuidados das mulheres disponíveis nos grupos domésticos na sociedade de origem. O ciclo de vida familiar e o padrão de residência pós-nupcial foram duas variáveis fundamentais para compreender como se organizam em detalhe os agregados familiares na origem. Deste modo, o grupo doméstico patrilocal analisado conta sobretudo com a nora para a tarefa de cuidar dos sogros e das crianças, com grande dose de sacrifício e uma certa “obrigação moral” de cuidar dos dependentes quando as pessoas restantes do grupo familiar migrarem.

O grupo familiar matrilocal analisado é composto por mulheres chefes de família, onde a distribuição dos cuidados a pessoas dependentes em Cabo Verde parece ser mais distribuída do que no caso anterior. Para além da matrilocidade, a situação económica e laboral das filhas contribui de forma decisiva na flexibilização da carga de cuidados, fundamental na procura de arranjos para permitirem a ambas uma autonomia e liberdade de escolha na vida pessoal, sem deixarem de responsabilizar-se pelos cuidados da mãe. Em suma, são as mulheres (com os homens ausentes das tarefas de cuidado) os últimos elos da cadeia global de cuidados, existindo ademais uma recente externalização de alguns cuidados da mãe a uma vizinha, para as filhas poderem trabalhar fora de casa.

O terceiro caso, da avó transnacional, mostra que mesmo as mulheres idosas são “móveis”, dependendo das possibilidades de prestação de cuidados de outros parentes. A sua mobilidade não se faz apenas para receber cuidados do sistema de saúde e da própria parentela, mas também para “fazer família” (Lobo 2020a) através da partilha quotidiana que supõe a coabitação.

Em um contexto determinado pela ausência masculina na esfera dos cuidados, nos três casos em análise é evidenciada a responsabilidade partilhada entre as mulheres, seja entre cunhadas ou irmãs, para atender os encargos dos cuidados.

Além disso, as mulheres que ficam em casa não só cuidam dos dependentes, mas também do património, dos prédios, terras, animais e até da memória familiar, tornando-se um farol de referência, aquele lugar ao qual as pessoas migrantes desejam regressar.

BIBLIOGRAFIA

- ÅKESSON, Lisa, Jørgen CARLING, e Heike DROTBOHM, 2012, “Mobility, moralities and motherhood: navigating the contingencies of Cape Verdean lives”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38 (2): 237-260. DOI: 10.1080/1369183X.2012.646420.
- ALONSO-VILLAR, Olga, e Coral DEL RÍO, 2023, “Dime o teu sexo (e nacionalidade) e direi- che onde traballas”, in Iria Vázquez (org.), *Non Nacimos para Coidar*. Vigo: Galaxia.
- BALDASSAR, Loretta, 2008, “Missing kin and longing to be together: emotions and the construction of co-presence in transnational relationships”, *Journal of Intercultural Studies*, 29 (3): 247-266. DOI: 10.1080/07256860802169196.
- BALDASSAR, Loretta, Raelene WILDING, e Cora BALDOCK, 2006, “Long-distance caregiving, transnational families and the provision of aged care”, in Isabella Paoletti (org.), *Family Caregiving for Older Disabled*. Nova Iorque: Nova Science.
- BARBOSA, Fernando, e Almudena CORTÉS, 2013, *Estudo sobre a Feminização da Migração Cabo-Verdiana e o Seu Impacto nas Famílias: Um Estudo de Caso na Ilha de Santiago, Cabo Verde*. ONU Mulheres: OIM.
- BROWN, Judith K., 1997, “Agitators and peacemakers: cross-cultural perspectives on older women and the abuse of young wives”, in Aysan Sev’er (org.), *A Crosscultural Exploration of Wife Abuse*. Lewiston: Edwin Mellen Press, 79-99.
- BROWN, Judith K., 2004, “Transitions in the life-course of women”, in Carol R. Ember e Melvin Ember (orgs.), *Encyclopedia of Sex and Gender*. Nova Iorque: Kluwer Academic-Plenum, 163-174. Disponível em < https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007/0-387-29907-6_17 > (última consulta em fevereiro de 2025).
- CARLING, Jørgen, 2004, “Emigration, return and development in Cape Verde: the impact of closing borders”, *Population, Space and Place*, 10: 113-132. DOI: 10.1002/psp.322.
- CARREIRA, António, 1983, *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- DIA, Hamidou, 2009, *Espaces domestiques, espaces villageois, espaces urbains multisitués: Cinquante ans de migrations à partir de la moyenne vallée du fleuve Sénégal*, Paris: Université Paris-V Descartes, tese de doutoramento.
- DÍAZ, Letícia, e Maria da Gloria MARRONI, 2017, “Abuelas en la migración: migración circular, servicios de cuidados y reunificación familiar en una localidad del occidente michoacano”, *Relaciones – Estudios de Historia y Sociedad*, 151: 263-295. DOI: <https://doi.org/10.24901/rehs.v38i151.336>.
- EVERGETI, Venetia, e Louise RYAN, 2011, “Negotiating transnational caring practices among migrant families”, in Albert Kraler et al. (orgs.), *Gender, Generations and the Family in International Migration*. Amsterdão: Amsterdam University Press, 355-373.
- GIUFFRÈ, Martina, 2016, “Cape Verdean womanhood in the age of female migration towards transnational matrifocality”, *L’Uomo*, 1: 7-29. Disponível em < <https://rosa.uniroma1.it/rosa03/uomo/article/view/17956/17027> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- GREGORIO, Carmen, 1997, “El estudio de las migraciones internacionales desde una perspectiva de género”, *Migraciones*, 1: 145-175. Disponível em < <https://revistas.comillas.edu/index.php/revistamigraciones/article/view/4939> > (última consulta em fevereiro de 2025).

- HERRERA, Gioconda, 2005, “Mujeres ecuatorianas en las cadenas globales del cuidado”, in Gioconda Herrera, María Carrillo e Alicia Torres (orgs.), *La Migración Ecuatoriana Transnacionalismo, Redes e Identidades*. Quito: Flacso-Sede Ecuador, 281-303. Disponível em < <https://www.flacsoandes.edu.ec/agora/mujeres-ecuatorianas-en-las-cadenas-globales-del-cuidado> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- HOCHSCHILD, Arlie, 2001, “Las cadenas mundiales de afecto y asistencia y la plusvalía emocional”, in Anthony Giddens e Will Hutton (orgs.), *En el Límite: La Vida en el Capitalismo Global*. Barcelona: Kriterion Tusquets, 187-208.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrete, 1994, *Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration*. Berkeley, CA: University of California Press.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrete, e Ernestine AVILA, 1997, “I’m here, but I’m there”, *Gender and Society*, 53: 548-571. DOI: 10.1177/089124397011005003.
- LAM, Kaian, 2021, “Island-raised but foreign-made: lived experiences, transnational relationships, and expressions of womanhood among Cape Verdean migrant women in Greater Lisbon”, *Island Studies Journal*, 16 (1): 101-114. DOI: <https://doi.org/10.24043/isj.71>.
- LOBO, Andréa, 2020a, “Quando os (des)afetos ‘fazem famílias’: não ditos, mentiras e fracassos nas trajetórias de migração em Cabo Verde”, *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 28 (60): 205-222. DOI: 10.1590/1980-85852503880006012.
- LOBO, Andréa, 2020b, “The challenges of making family at a distance: Some reflections on migrations and family dynamics in Cape Verde”, *Análise Social*, LV (4) (237): 840-866. DOI: 10.31447/as00032573.2020237.07.
- LOBO, Andréa, e Juliana BRAZ (orgs.), 2016, *Mundos em Circulação: Perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações / Edições Uni-CV / Letras Livres.
- MAHLER, Sarah J., e Patricia R. PESSAR, 2006, “Gender matters: ethnographers bring gender from the periphery toward the core of migration studies”, *International Migration Review*, 40 (1): 27-63. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2006.00002.x>.
- MARCUS, George E., 1995, “Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography”, *Annual Review of Anthropology*, 24: 95-117. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>.
- NEVES, Júlia, 2022, “Becoming a migrant mother: an intersectional approach to the narratives of Cape Verdean women in Portugal”, *Social Sciences*, 11 (55): 1-16. DOI: <https://doi.org/10.3390/socsci11020055>.
- OCA, Luzia, 2013, *Caboverdianas en Burela (1978/2008): Migración, Relaciones de Género e Intervención Social*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, tese de doutoramento em Antropologia Social. Disponível em: <https://investigacion.usc.gal/documentos/5d1df67429995204f766c807> (última consulta em fevereiro de 2025).
- OCA, Luzia, 2016, “Cabo-verdianas em Espanha: a fluidez do género enquanto princípio explicativo das migrações”, in Andréa LOBO e Juliana BRAZ (orgs.), *Mundos em Circulação: Perspetivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações / Uni-CV / Letras Livres, 198-233.
- OCA, Luzia, et al., 2023, “Si ka badu, ka ta biradu: unha experiencia de investigación sobre cuidados transnacionais levada ao audiovisual”, *Tempo Exterior – Revista de Análise e Estudos Internacionais*, XXIV (2): 67-82. Disponível em < <https://www.igadi.gal/publicacions/tempo-exterior/tempo-exterior-no-47/> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- PAULI, Julia, 2008, “A house of one’s own: gender, migration, and residence in rural Mexico”, *American Ethnologist*, 35 (1): 171-187. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/pdf/27667480.pdf> > (última consulta em fevereiro de 2025).

- PÉREZ, Amaia, 2006, “Amenaza tormenta: la crisis de los cuidados y la reorganización del sistema económico”, *Revista de Economía Crítica*, 5: 7-37. Disponível em < https://www.observatoridesc.org/sites/default/files/1_amenaza_tormenta.pdf > (última consulta em fevereiro de 2025).
- SALAZAR, Rhacel, 2001, *Servants of Globalization: Women, Migration, and Domestic Work*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- VÁZQUEZ, Iria, 2014, *La Inmigración Senegalesa en Galicia: Remesas y Cuidados en Familias Transnacionales*. A Coruña: Universidade da Coruña, tese de doutoramento em Sociologia. Disponível em < <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/12341> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- VIVES, Luna, e Iria VÁZQUEZ, 2017, “Senegalese migration to Spain: transnational mothering practices”, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43 (3): 495-512. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369183X.2016.1186531>.
- YANAGISAKO, Sylvia J., 1975, “The process of change in Japanese American kinship”, *Journal of Anthropological Research*, 31 (3): 196-224. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/3629940> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- YANAGISAKO, Sylvia J., 1977, “Women-centered kin networks in urban bilateral kinship”, *American Ethnologist – The Journal of the American Ethnological Society*, 4: 207-226. Disponível em < <https://www.jstor.org/stable/643788> > (última consulta em fevereiro de 2025).
- ZIMMERMAN, Mary K., Jacquelyne, S. LITT, e Christine E. BOSE, 2006, *Global Dimensions of Gender and Carework*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- ZONTINI, Elisabetta, 2010, *Transnational Families, Migration, and Gender: Moroccan and Filipino Women in Bologna and Barcelona*. Nova Iorque: Bergham Books.

Receção da versão original / Original version
Aceitação / Accepted

2023/05/15
2024/11/05